

O estatuto discursivo-dialógico da “live de interesse público”: as potências transformadoras para a criação de novas práticas sociodiscursivas no contexto da pandemia da covid-19

Live's transforming powers and discursive-dialogical status for the creation of new sociodiscursive practices in the covid-19 pandemic context

Marcos Roberto dos Santos AMARAL*

João Batista Costa GONÇALVES**

Janaina Lisboa Lopes FREIRE***

RESUMO: Neste artigo, problematizamos que a Live se constitui especialmente como respostas a demandas sociais que surgem a partir do contexto da pandemia de covid-19 e permitem que expectativas históricas de diversas esferas discursivas sejam oportunizadas. Apoiando-nos, sobretudo, na noção de gênero do discurso de Bakhtin (2011), examinaremos a Live “Estratégias de proteção e monitoramento fora do ambiente físico escolar”, promovida pela Polícia Civil do Paraná (PCPR), ressaltando, a partir dela, características que podem orientar a compreensão da Live enquanto um gênero discursivo que se fortalece no contexto da pandemia. Consideramos que, para esta discussão, é preciso investigar de que forma a constituição dos gêneros está associada às transformações das relações sociais concretas; e como os elementos discursivos que singularizam sua produção, circulação e recepção se estabelecem. A partir disso, tematizamos peculiaridades que desencadeiam elos discursivos relacionados ao contexto histórico, a esferas, a instituições, a sujeitos envolvidos, às práticas orquestradas, às tecnologias e a meios de comunicação utilizados e às lutas sociais, assumidas ou silenciadas (“estrategicamente” ou não) que envolvem o gênero Live. Enfim, destacamos que a junção de todos esses elementos singulariza o estatuto discursivo-dialógico da Live, que ganhou estabilidade no contexto pandêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Gênero do Discurso. Live. Transformação social. Contexto da pandemia.

ABSTRACT: In this study, we argue that Live is constituted especially as responses to social demands that arise from the pandemic context of the covid-19 and allow the historical expectations of different discursive spheres to be made possible. Especially regarding the notion of genre in Bakhtin's speech (2011), we will examine the Live “Strategies for protection and monitoring outside the school physical environment”, promoted by the Civil Police of Paraná (PCPR), pointing out characteristics that can guide the understanding of Live as a discursive genre that is strengthened in the context of the pandemic. Considering that, for this discussion, investigate how the constitution of genres is associated with the transformations of concrete social relations and how the discursive elements that singularize their production, circulation and reception are established. From this, we discuss the peculiarities that trigger discursive links related to the historical context, the spheres, institutions and subjects involved, the orchestrated practices, the technologies and means of communication used and the social struggles involving the genre Live. Finally, we highlight that the combination of all these elements singularizes Live's discursive-dialogical status, which has gained stability in the pandemic context.

KEYWORDS: Teaching. Genre. Live. Social transformation. Pandemic context.

* Doutorando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA-UECE), ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8130-4580>, E-MAIL: roberto.amaral@aluno.uece.br.

** Professor do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE), ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4386-8809>, E-MAIL: joao.goncalves@uece.br.

*** Doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA-UECE), ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8612-9953> E-MAIL: janalisboatradutora@gmail.com.

1 Introdução

A *Live*¹ se tornou muito popular no contexto da pandemia do novo coronavírus que assola o mundo inteiro desde o início do ano de 2020. Por meio da *Live*, os sujeitos estabeleceram novas formas de interação e de sociabilidade para “conviver” com o chamado isolamento social² a que fomos todos submetidos no intuito de diminuirmos a propagação e a infecção do vírus.

Da língua inglesa, o termo *Live* trata-se, nesse contexto, da expressão adverbial “ao vivo”³. Diz-se, assim, de maneira geral, que a *Live* é uma transmissão, em tempo real, de áudio e vídeo na *Internet*, feita por um sujeito ou mais de um, veiculada nas redes sociais, como o *Instagram*, o *Youtube*, o *Twitter* e o *Facebook*, para outros sujeitos/espectadores inscritos ou não no canal de divulgação, fomentadas ou não por instituições sociais, como partidos políticos, secretarias de governos, empresas, universidades etc.

A *Live*, porém, não surgiu recentemente. Já tem uma história. Na verdade, a *Live* já é, há bastante tempo, uma prática jornalística frequentemente utilizada, por exemplo, em reportagens, no meio televisivo ou radiofônico, para assinalar que um programa ou evento está sendo transmitido em tempo real, simultaneamente ao momento em que ocorre. Daí se observa que ela, originalmente, tem relação com a televisão e o rádio por meio de transmissões “ao vivo”, o chamado *live broadcasting*, feito por ondas de rádio, também denominadas de radiodifusão.

A partir daí, há o fortalecimento da construção de um novo sentido para *Live* no período da pandemia, ressignificado a partir do sentido primeiro do termo, de forma que, embora o que haja hoje tenha sido cunhado de *Live*, no seu significado inicial, se admite, em geral, a *Live*, nos dias atuais, com outro formato e com outras configurações discursivas e, por consequência,

¹ Optamos pela grafia em letra maiúscula para que o substantivo não seja confundido com o verbo em inglês.

² O termo “isolamento social” pode soar estranho a uma proposta de viés dialógico, na medida em que, sob este prisma teórico, os sujeitos do discurso são constitutivamente sociais em vista de a linguagem de que se servem ser sempre vista como uma ponte para a relação consigo mesmo e com o outro. As palavras de Volóchinov (2018, p. 211) são esclarecedoras para esse entendimento: “a personalidade do falante, tomada por assim dizer de dentro, é inteiramente um produto das inter-relações sociais. Seu território social não é apenas a expressão exterior, mas também a vivência interior. Consequentemente todo o caminho entre a vivência interior (aquilo que é ‘expresso’) e a sua objetivação exterior (o ‘enunciado’) percorre o território social”.

³ A palavra *Live* [larv], em inglês, além significar (uma transmissão) “ao vivo”, pode, a depender do contexto, assumir outros significados, como o de “viver” e o de “morar” (no sentido de viver numa cidade, por exemplo). Nesse caso, a pronúncia de modifica, ficando [liv]. A forma *Lives* [larvz], por sua vez, pode aparecer como o plural da palavra *life* (vida). Como se depreende, todos esses sentidos de *Live* apontam para um mesmo campo semântico de vivo, vida e viver, ligados, etimologicamente, à forma do inglês antigo *libban*, *lifian* (viver). Nesse sentido, é bastante oportuno o termo *Live* para nomear uma forma de vida, um gênero do discurso, pelo qual os sujeitos interagem numa determinada esfera discursiva.

com o estabelecimento de outras formas de interação criadas nas redes sociais por onde ela circula.

Dessa maneira, é preciso ressaltar que a *Live*, da forma como foi propagada, com muita força, no cenário da pandemia da covid-19⁴ diferenciou-se e ampliou-se se comparada ao tipo da *Live* entendida apenas como uma forma de veiculação de conteúdo transmitido ao vivo, tal como pensada nas atividades televisivas ou radiofônicas nos seus primórdios. Essa diferenciação e ampliação delinearão singulares práticas discursivas que respondem especificamente a demandas públicas que se deflagraram no atual contexto social.

A fim de problematizarmos as peculiaridades da emergência destas práticas e as especificidades dos enunciados que lhes são característicos, inicialmente, discutimos que os gêneros do discurso se delineiam a partir de práticas singulares que respondem a demandas sociais de esferas discursivas específicas. Depois, ponderamos sobre a *Live* poder ser admitida enquanto gênero do discurso por se vincular a formas típicas de interação social que emergem no atual contexto pandêmico. Desenvolvemos nossa discussão especialmente dialogando com a *Live* “Estratégias de proteção e monitoramento fora do ambiente físico escolar”⁵, por reconhecermos a importância de sua divulgação e o fato de que ela apresenta determinadas singularidades que podem orientar a sua compreensão enquanto gênero discursivo. Enfim, analisamos suas características fundamentais, destacadas acima, quando comparamos o que admitimos como *Live* do tipo de entretenimento e de interesse público, para apresentar um conjunto de peculiaridades que as especificam.

Para efeito de organização deste artigo, discutimos, na seção “A sensibilidade dos Gêneros do Discurso às transformações sociais”, a peculiaridade constitutiva dos gêneros do discurso de responder às demandas sociais que surgem historicamente, reorganizando seus conteúdos temáticos, estruturas composicionais e escolhas estilísticas; em seguida, em “A emergência de um gênero no contexto da pandemia da covid-19”, refletimos sobre as características do contexto social em função das quais as *Lives* se constituem. Enfim, na seção

⁴ Notamos que a relação entre enunciados e contexto de produção é constitutiva, ou seja, é criada a partir de condições objetivas específicas, mas dialoga com diversas situações históricas, de maneira que tanto os enunciados vão sofrer transformações renovando-se e desgastando-se a depender de como as práticas sociais se orquestram, quanto suas especificidades vão sentir diferentemente as práticas sociais que lhe oportunizaram a estabilização. Isto devido ao ininterrupto processo de relativização de dados de estados de ordens que funda as relações sociais. Daí que os gêneros, contraditoriamente, desenvolvem/modificam-se e lançam bases para outros gêneros. As redes sociais, inclusive, caracterizam-se por serem sustentadas por gêneros que têm acelerado estes processos, como é o caso, por exemplo, da relação entre *blog* e diário.

⁵ Comentaremos sobre essa *Live*, detidamente, na terceira seção deste artigo.

“As marcas das peculiaridades de um gênero se estabilizando: a *Live* ‘Estratégias de proteção e monitoramento: quando a criança está fora da escola’, analisamos especificamente a *Live* referida, organizada pela Polícia Civil do Paraná (PCPR) e proferida por Tarcila Teixeira, na página oficial do *Instagram* dessa instituição.

Pretendemos, com esta discussão, destacar algumas questões imprescindíveis para delinear uma compreensão da *Live* enquanto gênero discursivo, a fim de compreender de que forma uma prática discursiva responde ao contexto histórico; como ela transforma seus modos de dizer por conta dessa resposta; e como esta prática deflagra específicas práticas sociais.

2 A sensibilidade dos gêneros do discurso às transformações sociais

Bakhtin (2011, p. 262) destaca que o repertório de gêneros do discurso que circulam socialmente “cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo⁶” e que seus enunciados/gêneros “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Portanto, as transformações sociais e históricas em uma determinada esfera discursiva fazem emergir formas singulares de interações discursivas que respondem às necessidades históricas das comunidades que se utilizam dessas formas.

Assim, percebemos que o uso de certa estrutura composicional, a escolha de determinados temas e o emprego de formas de estilo que particularizam as chamadas *Lives*⁷ concorrem para uma certa estabilização de modos de ser discursivos que circulam comumente nas redes sociais, tais como tutoriais, *repost* de trechos de e/ou filmes completos, *posts*, *feeds* de notícias, denúncias via fotografias, comentários, pequenos vídeos de rotinas pessoais e exibição de posses e “dotes”, *memes*, *emojis* etc.

⁶ Por esfera discursiva, campo discursivo, ou simplesmente esfera ou campo, na obra círculo-bakhtiniana, compreende-se, conforme Grillo (2014, p. 142) “um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo”.

⁷ Nota-se que, como veremos mais adiante no desenvolvimento deste trabalho, o horizonte das práticas discursivas que podem ser categorizadas por *Live* constitui-se por práticas que podem ser especificadas em dois tipos: as *Lives* de interesse público, como a que discutiremos mais detidamente aqui, que foi promovida por uma instituição cuja “natureza” está comprometida com os transformadores “destinos” da sociedade; e as *Lives* de entretenimento de massa, que, ao contrário das do tipo anterior, se caracterizam pela mobilização de sujeitos e interesses sociais distintos. Dessas, participam artistas, patrocinadores e produtores da grande mídia mercantil, além de, muitas vezes, escusos representantes do igualmente escuso *lobby* político.

Reforçamos que a forma como estes modos de ser, juntamente com a “promoção” de práticas sociais específicas, se arquitetam podem permitir a caracterização da *Live* por esta apresentar temáticas de interesse público (discussões acadêmicas e políticas, apresentações artísticas e comerciais); organizando um estilo que, por um lado, dialoga com outras formas oficiais de gêneros discursivos como palestras e audiências públicas, e, por outro, dialoga com formas espontâneas da comunicação “ao vivo”, da interação imediata com quem está logado no canal de transmissão da *Live*. Esta espontaneidade, inclusive, depende da superação de alguns “ruídos” que impedem a “fluência” pretendida da interação *on-line*, como, por exemplo, os problemas de conexão de *Internet*, ou de conhecimento (de um certo “letramento”) das devidas formas de uso das ferramentas desse tipo de comunicação, plataformas digitais, editores de texto etc.

Este comportamento discursivo da *Live* enquanto gênero ainda se caracteriza por resignificar algumas funções da composição destes canais, especialmente, as dos comentários (*chat*), que deixam de ser formas para expressar tão somente gosto ou desgosto (*like/dislike*) e, dessa forma, expressar alguma impressão pessoal do sujeito-comentador, para assumir o papel de meio de interlocução entre a instituição promotora da *Live* e participantes no que toca a questões de confirmação de presença para certificação, registro de reclamações junto a órgãos competentes, indicação de pautas para apreciação ou forma de sondagem de tendências de comportamento.

Tais considerações se apoiam na premissa destacada por Bakhtin (2011, p. 264) de que “todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto opera inevitavelmente com enunciados concretos (orais e escritos) relacionados com diferentes campos da atividade humana e da comunicação”. Isto porque, conforme o enunciado concreto se constitua enquanto ato responsável (BAKHTIN, 2010; 2011), é preciso estudar a vida, os problemas da vida para que possamos assumir a necessidade de contribuir para sua resolução, pensando sempre em afirmá-la, isto é, endossar suas vivências de empoderamento e responsabilidade. Além disso, porque se reconhece que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); [e] é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265).

A partir dessa relação tão estreita entre as vicissitudes da vida e dos gêneros do discurso que utilizamos nas diversas práticas cotidianas, defendemos a ideia de que as *Lives* são uma espécie de índice da emergência do que pode ser um novo gênero, práticas sociais e discursivas

orquestradas por outras funções éticas, estéticas e cognitivas, além de estruturas composicionais e temáticas singulares, que constitui o horizonte das esferas discursivas das redes sociais cuja estabilização se deu no contexto da pandemia do novo coronavírus.

Dessa maneira, as práticas características de diversas esferas - jurídica, artística midiática etc. - estão especialmente rearquitetando-se em função das necessidades que o atual momento pandêmico deflagra, como a criação de canais “não físicos” de disseminação de informações oficiais sobre protocolos de condutas responsáveis, a exemplo de ações contra a violência infantojuvenil, que ganham outras terríveis dimensões no isolamento; de combate às diversas *fake news*; enfim, da criação de ações sociais e políticas que permitam que a vida institucional e cotidiana não estagne.

Particularmente com respeito a esta questão de “sobrevivência” da vida institucional durante o isolamento social, é preciso que universidades, secretarias de governos, sindicatos, assembleias legislativas, promotorias, delegacias etc. remodelem suas práticas discursivas a fim de que sua recepção alcance em geral os mais diversos públicos, especialmente, os minorizados socialmente (que sofrem violências estruturais históricas, negros, LGBTQI+, mulheres, imigrantes, indígenas, crianças etc.) para que estas práticas participem efetivamente da vida cotidiana desses públicos, para, com isso, tentar superar o problema de que o trabalho produzido pelas referidas instituições sociais são conhecidos apenas por especialistas familiarizados com a vida destas entidades: pesquisadores, políticos, representantes da sociedade civil organizada, delegados. As reestruturações das interações discursivas institucionais em função dos imperativos da pandemia dialogam com históricos projetos que essas organizações têm de aproximação da população em sua vida cotidiana para garantir que suas responsabilidades de promoção de justiça sociais sejam cumpridas.

De fato, conforme Bakhtin (2011, p. 268), para se estabelecer uma prática discursiva, esta deve percorrer “um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos”, cujas transformações estão vinculadas aos novos “procedimentos de gênero de construção do todo discursivo, do seu acabamento, da inclusão do ouvinte ou parceiro”.

Por muito tempo, a academia e órgãos públicos buscam legitimar as demandas públicas contra injustiças históricas, disponibilizando canais de atendimento e estreitando contatos significativos com a população em geral. Assim, são tomadas ações nesse sentido: adequação de linguagem (por exemplo, cartilhas explicativas de temas importantes socialmente em “linguagem comum”), abertura de anexos em espaços populares (por exemplo, departamentos

públicos em *shoppings*). O contexto pandêmico, nesse sentido, oportuniza que diversas instituições, tanto assumindo suas responsabilidades sociais, quanto seus projetos de familiarização com a vida cotidiana, “experimentem” as *Lives*.

Outra característica importante na constituição de um gênero discursivo é que este chega “à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas” (BAKHTIN, 2011, p. 283). Nesse sentido, o uso de determinadas formas discursivas implica o exercício de dadas práticas e assunção de compreensões que legitimam estas práticas. Quanto à *Live de* que nos ocuparemos aqui, “Estratégias de proteção e monitoramento fora do ambiente físico escolar”, as discussões propostas sobre violências infantojuvenis, abusos e assédios sexuais, abandono e desproteção social associam-se com o projeto de se estabelecer canais *on-line* a que a população possa recorrer quando necessário. Assim, refratam-se condutas sociais específicas de conscientização sobre problemas sociais, de assunção de responsabilidades e de consolidação de espaços públicos para participação civil com denúncias, por exemplo.

De fato, em sendo o gênero “um elo real na cadeia de comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana”, em que o enunciado “dirige-se a alguém, é suscitado por alguma coisa, [e] tem algum objetivo” (BAKHTIN, 2011, p. 288), podemos considerar que, em novas práticas discursivas, determinados sujeitos orientam seus atos para mobilizar outros sujeitos a fim de coordenar outros atos que respondam a dados objetivos que estão emergindo a partir das reconfigurações do contexto social.

Esse tipo de *Live*, certamente, convoca, diferentemente dos usos comuns das redes sociais, representantes da sociedade civil organizada, como políticos, líderes comunitários, entre outros, para além de publicitários, humoristas, (sub)celebridades e anônimos que ganharam notoriedade por conta de algum “vídeo da moda”, que “ganha” bastante visualizações na rede. Tais convocações orientam-se para a promoção de importantes debates públicos, para além da divulgação e circulação de *memes*, *fakes*, “correntes” de *Whatsapp*®, publicidades, seção de *coachings* etc.; com o objetivo de criar condições para que a população em geral tenha acesso a informações oficiais especializadas e autorizadas pela comunidade competente, bem como a meios de reivindicação de direitos.

Com esta configuração, ou pelo menos com a predisposição que as práticas sociais no contexto do isolamento social apresentam para tal, podemos dizer que surge uma reorganização das práticas discursivas características das redes sociais e nos campos sociais, nos quais os sujeitos que organizam estas *Lives* possuem sua formação. Esta configuração especialmente

delinea atos responsivos contra as diversas violências sociais, as quais estão ganhando outros contornos atualmente.

Nessa direção, as *Lives* podem permitir (com um trabalho coordenado que consiga “disputar a atenção do público” frente o assédio da indústria de massa⁸) que um público não especializado tenha disponível, durante seus trajetos pessoais/cotidianos - no ônibus, em casa, no banco, no *shopping* -, como alternativa aos conteúdos comuns das redes sociais, outros conteúdos que tematizem debates públicos, num formato mais afeito aos das redes sociais - que já estão incorporados nas condutas sociais gerais. Certamente, a ampliação do alcance destes debates para o público em geral é uma forma de garantir direitos sociais, civis e políticos.

Com efeito, para termos uma noção de quanto o atual contexto está dispondo práticas com o mesmo tom da *Live* “Estratégias de proteção e monitoramento fora do ambiente físico escolar”, por exemplo, destacamos outras *Lives* como as promovidas pela Associação de Linguística Aplicada do Brasil - ALAB⁹, que mobilizam acadêmicos e sociedade para discutir nas possibilidades do *Youtube* questões de interesse social que envolve as vicissitudes da linguagem. Além disso, nessa direção, há *Lives* como as promovidas por “figuras políticas” que militam por dado tema, a exemplo de um grupo composto por deputados, candidatos, militantes e especialistas e profissionais de base da área, que comentou “ao vivo” a votação do novo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - Fundeb¹⁰, articulando professores, partidos, pais e alunos a fim de alertar a população sobre a necessidade de políticas públicas sérias de financiamento da educação.

Assim, enquanto estabilização de típicos enunciados relacionados a práticas situadas historicamente, essas *Lives* particularizam-se por traços discursivos e textuais peculiares que emergem a partir do contexto da pandemia de covid-19. Tentaremos desenvolver esta ideia com mais detalhes na próxima seção.

3 A emergência de um gênero no contexto da pandemia da covid-19

⁸ Autores há que sustentam que, com a era digital, inauguramos uma espécie de “cultura de multidões”, e não exatamente uma “cultura ou indústria de massa” (pós-industrial). Para um aprofundamento da questão, ver: CAIAFFO *et al.* (2007) e MOITA LOPES (2010).

⁹ Cf. <<https://www.Youtube.com/channel/UCL2T7eqAWL71T-q1SYMhelg>>. Acesso: 10 ago. 2020.

¹⁰ Cf. <<https://www.Youtube.com/watch?v=9I2PMHH8KGM>>. Acesso: 10 ago. 2020.

Fundamentados no pensamento do Círculo de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev (ou, simplesmente, Círculo), sustentamos a ideia de que, mais do que um mero formato de transmissão “aqui e agora” de conteúdo por um sujeito que tem o propósito de veicular informações a um determinado público via *Internet*, a *Live*, dada sua complexidade, pode agora ser encarada, pelos contornos enunciativos que ganhou no contexto pandêmico, como um gênero do discurso, na medida em que, como discutido acima, se vincularam determinadas práticas discursivas a certas formas típicas de interação social, por meio de enunciados concretos carregados de valores e posicionamentos ideológicos dos sujeitos envolvidos nessa prática, o que, conseqüentemente, fez surgirem certos hábitos sociais de comportamento em diferentes esferas de atividade humana.

Para examinar a dimensão dialógica da *Live* como um gênero discursivo, podemos destacar, inicialmente, o seu estilo¹¹. Podemos problematizar a noção de *Live* enquanto gênero discursivo, a partir de questionamentos sobre ela ser uma transmissão ao vivo que permite a interação síncrona via chat entre os participantes e especialmente sobre ela ser uma interação assíncrona, pelo fato de o conteúdo ficar disponível na rede, e poder receber respostas, via comentários por meio de plataformas como *Youtube*, *Instagram* e *Facebook* após sua publicação.

Dessa maneira, a *Live* tem como um dos seus traços estilísticos peculiares a interação pública, inicialmente, de forma síncrona, entre os sujeitos participantes dessa interação *on-line*, pois há a possibilidade ainda de que ela seja gravada nos canais onde foram veiculadas para que outros sujeitos possam acessá-la noutro tempo e, assim, assistir ao conteúdo. Nesse caso, porém, não é mais possível que se interaja diretamente, via mensagens de chat, com o palestrante, embora em alguns canais, como *Youtube*, ainda se possa interagir com outros usuários e às vezes com os próprios autores da *Live* via comentários da página.

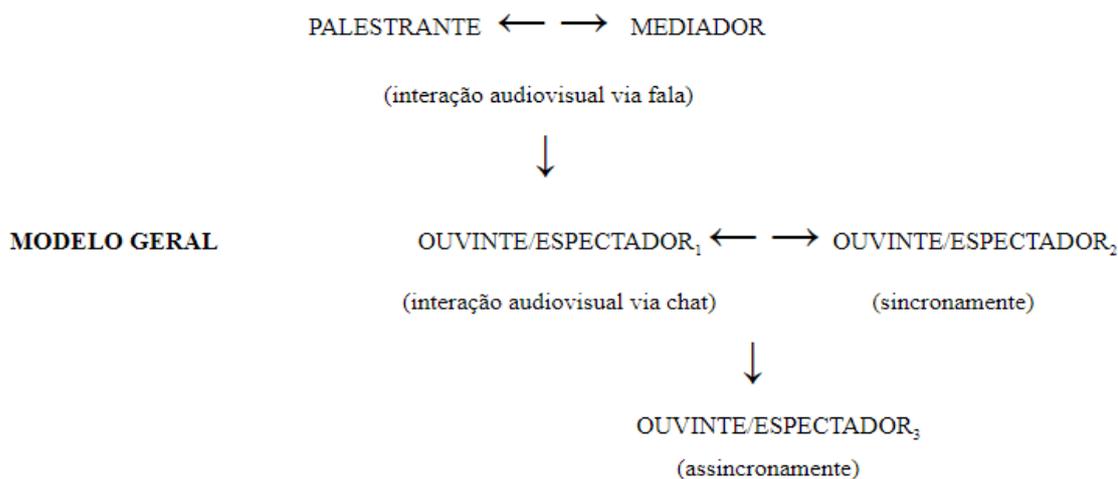
Como se percebe, a *Live*, apesar do seu acabamento temporal de uma enunciação construída, aqui e agora, pode, se gravada, elasticar o seu tempo de vida, tornando-se mais perene, e, dessa forma, criar outras enunciações futuras. Tais enunciações futuras podem inclusive ocorrer em outros lugares, considerando, por exemplo, o fato de poderem ficar disponíveis nas redes sociais para serem acessadas, assim como já se faz com outros conteúdos delas, como quando esperamos em filas de banco, ou utilizamos algum transporte coletivo.

¹¹ Não nos esqueçamos da premissa bakhtiniana de que um gênero se demarca especialmente por um estilo peculiar (BAKHTIN, 2011).

Estas particularidades são bastante importantes para o caso das *Lives* que destacamos aqui enquanto *Lives* de interesse público, uma vez que elas, como veremos, pretendem justamente estreitar/familiarizar-se com as práticas cotidianas.

Assim, nessa enunciação, composicionalmente, há, em geral, um sujeito que detém a palavra, veiculada tanto visual como oralmente, o qual, em geral, está na companhia de um outro sujeito que, por sua vez, tem a dupla função de apresentar a figura central da *Live*, bem como de intermediar a conversa e/ou o debate, *show* etc. com os espectadores que participam em interação com o protagonista da *Live*, sobretudo, através de mensagens escritas no *chat* da *Live* e não por vídeo e áudio. O quadro abaixo¹², que não pretende ser um modelo fixo e rígido do funcionamento do gênero discursivo *Live*, pode servir para tornar esta ideia que estamos desenvolvendo mais clara.

Quadro 1 – Quadro da interação entre os sujeitos participantes da *Live*



Fonte: Elaborado pelos autores

Por este comportamento dialógico, o gênero *Live* se distingue, estilisticamente, de outros gêneros emergentes que também são veiculados por áudio e vídeo nas redes sociais em

¹² No quadro, tematizamos com o termos: “palestrante” (seja um cantor, um *digital influencer* ou um professor, por exemplo) aquele que expõe determinado conteúdo; “mediador” (seja um administrador de determinado canal, ou um convidado deste, uma celebridade, um político, p. ex.) aquele que apresenta, contextualiza e/ou promove a exposição do palestrante e organiza a interação entre audiência e palestrante, em geral via chat; “ouvinte/espectador” aquele que por meio de uma plataforma *on-line* acompanha a exposição, este pode fazê-lo “ao vivo”, sincronamente ou assincronamente, acessando o conteúdo que em geral fica disponível de acordo com sua disposição, pode ainda participar ou não comentando ou enviando conteúdos (p. ex. vídeos, bibliografias etc.) tanto síncrona como assincronamente - nesse caso, sem interagir diretamente com o expositor e o mediador, apenas com outros ouvintes/espectadores que tenham comentado também.

que os sujeitos interagem de forma síncrona em tempo real, como, por exemplo, a *webinar* (ou o webnário) e a videoconferência¹³, aulas *on-line*, *podcast*, para ficarmos só com alguns casos.¹⁴

Advinda desse aspecto, outro ponto da *Live* a se destacar é sua intercalação de diversos gêneros, que pode ser percebida de duas formas. Em primeiro lugar, pela sua natureza multissemiótica complexa em que, para a sua constituição, se combinam elementos de transmissão falada ao vivo, conversa informal e bate-papo *on-line* por escrito¹⁵. Dessa combinação, pertinente para o funcionamento dialógico-discursivo do gênero *Live*, seria analisar como se dá, heterodiscursivamente¹⁶, a estruturação dialógica dessas vozes. Assim, na *Live*, há várias formas de as vozes se estruturarem, como a justaposição dialogal de vozes (mais de um sujeito tem direito à palavra), a presença de vozes sem uma interação dialogal mais direta (o monopólio de uma voz), ou, às vezes, uma relação dialógica que soa como uma quase-conversa ou um quase-diálogo (a simulação de um diálogo)¹⁷.

Em segundo lugar, a hibridização do gênero discursivo *Live*, a depender da esfera discursiva e do propósito dos produtores, pode-se dar através da intercalação com outros gêneros. Dessa forma, uma *Live* pode ganhar um formato de palestra ou de conferência; pode acontecer em formato de espetáculo de entretenimento, como um *show*, ou de *merchandising*; ou ainda podemos ter uma *Live* se mesclando a certos gêneros de interesse público, como os jurídicos, cujo objetivo é orientar a população para um problema de justiça social, como é o caso da *Live* que é objeto de análise deste artigo.

Estas interações, síncronas e não síncronas, portanto, constroem relações dialógicas entre os sujeitos através de um estilo que mescla, na *Live*, traços de formalidade advindos das

¹³ A palavra “webinário” é uma mistura de “web” e “seminário”. Um webinário é um evento realizado virtualmente e com a presença exclusiva de um público *on-line*. Isso o distingue de um *webcast*, que também inclui a presença de um público físico. Outros termos usados como alternativas para webinar são eventos na *web*, seminário *on-line*, *webcast*, palestra na *web* e evento virtual. Semelhante à *Live*, a interação entre os participantes fica restrita a um chat para o qual são enviadas perguntas e comentários ao palestrante. Entretanto, essas perguntas e os comentários dos espectadores não são lidos para a construção do debate, como pode acontecer com a *Live*. Já a videoconferência se assemelha a uma sala de reunião presencial, não sendo permitida a participação pública mais ampla de sujeitos, mas só dos convidados. Diferentemente da *Live* e da *webinar*, ela permite que os participantes interajam por vídeo e áudio.

¹⁴ Há um sem-número de exemplos destes gêneros, inclusive da *Live*, que podem ser vistos nos principais canais por onde eles circulam, como *Youtube*, *Instagram*, *Google Meet*, *Zoom*.

¹⁵ Para ampliar essa complexidade multissemiótica do gênero, as mensagens veiculadas, via *chat*, nas *Lives* mesclam a escrita padronizada com outras formas de escrita, próprias das redes sociais, como os *emojis* e as abreviaturas próprias do chamado Internetês. Sobre a linguagem da *Internet*, vide o pioneiro trabalho de Crystal (2007) e o trabalho Komesu e Tenani (2009).

¹⁶ A partir de Bakhtin (2015), pode-se delinear heterodiscurso como a refração de contraditórias axiologias no jogo com a introdução do discurso alheio em diversos discursos.

¹⁷ Sobre essas formas de estruturação dialógica de vozes em *Lives*, vide Chovanec (2018).

interações das quais as apresentações originalmente eram feitas, como nos auditórios de universidades e outras instituições oficiais; e traços de informalidade advindas das interações características de espetáculos midiáticos e da linguagem do Internetês, familiar às redes sociais, as quais estão “acolhendo” as *Lives*; além de uma composição que põe em contato sujeitos distantes fisicamente, que podem assumir, por exemplo, papéis específicos de exposição de um tema a discutir por parte do palestrante, de denúncia, pedido de ajuda, por parte do ouvinte/espectador.

As *Lives* também são mobilizadas por temas e propostas que ganharam singular notoriedade no contexto pandêmico, como as que tematizam *shows* e se dedicam a manter a vida mercantil da indústria de massa, e as que abordam importantes debates públicos e se propõem tanto a manter a vida institucional das esferas da gestão pública e acadêmicas quanto a aproximar as instituições sociais da vida cotidiana (um importante projeto, destaque-se, dessas instituições¹⁸).

Assim, mais que um conteúdo transmitido ao vivo, a *Live*, que emerge dialógico-discursivamente durante a pandemia, mobiliza, juntamente com a sociedade em geral que interage por mediações *on-line*, sujeitos sociais de esferas da iniciativa privada (empresários, patrocinadores, artistas, youtubers e outros propagandistas), da gestão pública (servidores do Ministério Público, de autarquias governamentais etc.), da sociedade civil organizada (sindicatos, partidos políticos, ONGs etc.), bem como sujeitos vindos do meio acadêmico, os quais oportunizam apresentações (*shows*, propaganda política, *merchandising*¹⁹, palestras, mesas redondas, assembleias, audiências públicas etc.)²⁰ que circulam em redes sociais, estando disponíveis em celulares, tablets, *notebooks* e computadores para acesso nos mais variados lugares onde haja *Internet*, o que permite a interação pelas ferramentas de comentários durante, ou não, a transmissão ao vivo.

¹⁸ Cf. a iniciativa da Associação de Brasileira de Linguística (ABRALIN) de promover apresentações de pesquisas acadêmicas em formato de *tweets*. em: <<https://www.linguistweets.org/>>. Acesso: 11 set 2020.

¹⁹ Em inglês, a palavra *merchandise* significa mercadoria, mas também representa a ação de vender algum produto, serviço ou estrutura para um público determinado. O *merchandising* é um conjunto de técnicas que têm como finalidade tornar uma solução interessante para o consumidor ao mesmo tempo em que gera lucro para a empresa que a oferece.

²⁰ A título de informação, cf. em: <http://www.mpce.mp.br/2020/05/29/mpce-promove-Live-sobre-atuacao-do-decon-durante-a-pandemia/>, Acesso: 25/08/2010, a respeito da original mobilização discursiva de instituições públicas, como, por exemplo, a *Live* promovida pelo Ministério Público do Ceará (MPCE), por meio do Programa Estadual de Defesa e Proteção do Consumidor (Decon) e do Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional (CEAF).

Logo, conforme discutimos acima, a *Live* estabiliza-se enquanto uma prática social específica situada em campos históricos de ações sociais em que sujeitos respondem às singulares demandas sociopolíticas. Nesse sentido, para a discussão do problema da noção da *Live* como gênero, tanto é importante considerar de que forma a constituição dos gêneros discursivos está associada às transformações das concretas relações sociais; quanto reconhecer quais são os elementos discursivos que singularizam a produção, a circulação e a recepção das *Lives* em suas práticas situadas social e historicamente.

4 As marcas das peculiaridades de um gênero se estabilizando: a *Live* “Estratégias de proteção e monitoramento: quando a criança está fora da escola”

Nesta seção, discutiremos as “marcas” discursivas que podem caracterizar a *Live* como gênero discursivo. Para tanto, analisamos a *Live* “Estratégias de proteção e monitoramento: quando a criança está fora da escola”, organizada pela Polícia Civil do Paraná (PCPR), com Tarcila Teixeira, na página oficial do *Instagram* da instituição (<https://www.instagram.com/pcproficial>), como pode ser visualizada pela imagem abaixo:

Imagem 1



Fonte: <https://www.instagram.com/pcproficial> Acesso: 21 out. 2020.

Esta *Live*, como se percebe, faz parte de um conjunto de outras *Lives* programadas pela PCPR para serem transmitidas ao longo de uma semana, do dia 18 ao dia 22 de maio de 2020, com a temática sobre o combate ao abuso e à exploração infantojuvenil, conforme podemos ver no cartaz abaixo:

Imagem 2



Fonte: <https://www.instagram.com/pcproficial> Acesso: 21 out. 2020.

É interessante destacar a ressignificação que a PCPR faz do *Instagram*: a princípio, é preciso dizer que ele é uma rede social disponível para usuários de *Android* e *iPhone* para publicação de fotos, mas está sendo utilizada para promover debates de interesse público. Frise-se ainda que este uso do *Instagram* concorre com a imensa presença de campanhas publicitárias diretas ou indiretas via blogueiros, que predominam neste espaço.

Reiteramos que escolhemos esta *Live* como objeto analítico, porque ela ilustra, dentre outras, uma prática que se estabiliza em resposta ao contexto de isolamento e oportuniza, especialmente, a superação de diversas demandas sociais que determinam a criação de condições objetivas de uma vida saudável em comunidade. As *Lives* de entretenimento, é claro, podem participar desta criação, mas não nos concentramos nelas, porque os atos que elas desencadeiam estão muito próximos da lógica mercantil imperialista, de maneira que, algumas

vezes, promovem mais desserviços sociais por, sobretudo, servirem de propaganda de serviços e de produtos desviando a atenção pública de assuntos importantes.

É preciso destacar ainda que as *Lives* se singularizam por emergirem com mais força frente aos desafios do contexto de pandemia respondendo às necessidades de se dar continuidade à vida concreta das referidas esferas, bem como aos anseios sociais de enfrentamento de problemas públicos e da indústria de massa, se distinguindo das formas comuns de produção das esferas acadêmicas, midiáticas, políticas - palestras e audiências públicas em auditórios, espetáculos em casa de *shows* -; e das formas usuais nas redes sociais - troca de mensagens, compartilhamento de vídeos engraçados, correntes etc.

Participa da *Live*, com duração de 54 min. e 35 segs., como mediadora, a delegada Ellen Victer, chefe do Núcleo de Proteção à Criança e ao Adolescente Vítimas de Crimes da PCPR, a qual destaca a inovação deste evento por ser feito *on-line* e por se direcionar para esclarecimento das pessoas sobre a importância de denunciarem os referidos casos de violência²¹. Como palestrante, a promotora de justiça da Promotoria de Infrações Penais contra Crianças, Adolescentes e Idosos de Curitiba, Tarcila Teixeira.

Quanto à recepção, participam alguns usuários do *Instagram* cujo “arroba” (nome da conta nesta rede social) e tipo de comentário nos leva à suposição de que, heterogeneamente, são sujeitos constituídos por outros policiais civis, bem como por sujeitos tanto interessados no tema quanto por sujeitos que tiveram casos de violências infantojuvenil na família.

Especialmente essa *Live* foi feita por conta do aumento de casos de violência infantojuvenil durante o isolamento social, devido à pandemia causada pela covid-19. Com o título “Estratégias de proteção e monitoramento fora do ambiente físico escolar”, a *Live* ocorreu e ficou disponível no dia 20 de maio de 2020, às 15h, na página da Polícia Civil do Paraná. Ela, que, em 13/09/2020, já teve mais de 4.000 visualizações (notória difusão frente às censuras que o mercado impõe a este tipo de temática, através de suas lógicas logarítmicas que favorecem a indústria de massa), trata²² de questões importantes para o enfrentamento da violência sexual infantojuvenil e integra um conjunto de ações mobilizadas em memória à data 18 de maio, dia que presta homenagens e busca conscientização social enquanto Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

²¹ Cf. <https://www.policiacivil.pr.gov.br/Agencia-de-Noticias/Noticia/PCPR-fara-semana-de-Live_s-contra-o-abuso-sexual-infantojuvenil>. Acesso 21 out. 2020.

²² Mantemos no presente a forma verbal porque a *Live* ainda está disponível e ainda deflagra atos discursivos e responde a interesses sociais.

A data simboliza uma conquista da luta pelos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes no território brasileiro, uma vez que orienta legalmente práticas que impeçam casos de crimes como o ocorrido no dia 18 de maio de 1973, na cidade de Vitória (ES), o bárbaro assassinato de uma menina, Araceli, de apenas oito anos de idade, que teve todos os seus direitos humanos violados, foi raptada, estuprada e morta por jovens de classe média alta daquela cidade. O crime, apesar de sua natureza hedionda, até hoje está impune. Paulo Constanteen Helal e Dante Michelini, nomes de famílias poderosas do Espírito Santo, são os principais suspeitos, tendo sido, inclusive, condenados em 1980, mas absolvidos em 1991.

Tal particularidade indicia uma característica fundante da *Live*, qual seja, a de ser motivada por uma necessidade social. As que denominamos²³ como de entretenimento são mobilizadas por interesses mercantis do *show business* e de publicidade dos produtos e serviços dos patrocinadores. Assim, por exemplo, uma produção disponibilizada pelo canal “*Live Music*” destaca-se por sua arquitetura organizar-se por entre canções de um profissional da indústria musical *pop* e por *closes* de produtos do mercado, em seus muitos *merchandisings*. As que reconhecemos como de interesse público são oportunizadas por interesses de instituições relacionadas à vida regulada por direitos sociais, políticos e civis. Exemplo é a *Live* que analisamos especialmente aqui²⁴.

Quanto a este ponto da “assinatura”/responsabilidade da *Live*, as de entretenimento, em geral, exploram a “fama” da “atração” da *Live* que a animará, mormente um cantor do *mass mídia*, e são divulgadas por campanhas publicitárias de larga escala de anúncio da *Live* (rádio, tv, mídia impressa, *outdoors* e redes sociais). Já as de interesse público não possuem a mesma “notoriedade” e investimento midiáticos, pois comumente o acadêmico, o promotor de justiça, o ativista político, ou afins, não têm os mesmos “holofotes”. Portanto, estas *Lives* têm sua divulgação limitada, ficando dentro do círculo daqueles que já trabalham no meio em que a

²³ Nesse artigo, não pretendemos, em nenhum momento, indicar que a discussão só pode ser desenvolvida nos termos que colocamos. Absolutamente. A propósito da discussão sobre as potências políticas da *live* objeto, propomos, estritamente, pontos importantes que devem ser considerados para se discutir, especialmente, sob a ótica dos estudos dialógicos, a emergência de um gênero do discurso. No decorrer de nossa análise, inclusive, remetemos a pontos cujo desenvolvimento será aprimorado, certamente, os quais não podemos desenvolver aqui tanto pelos objetivos a que nos propomos, quanto porque ainda não pudemos desenvolver devidamente estes pontos. Um deles é o fato de que outros “tipos” de *live* podem se estabilizar ou que outros critérios podem ser especificados de maneira a suscitar outra forma de caracterização, além da geral que propomos (de entretenimento e de interesse público).

²⁴ No artigo, “*Live and Let it Live – a responsividade do enfrentamento à violência sexual infantojuvenil em tempos do novo coronavírus em um gênero discursivo emergente*” (no prelo), discutimos aprofundadamente o caráter transformador desta *Live*.

Live é orquestrada²⁵, dado o caráter de não ser uma “grande produção” com financiamentos generosos, e sim uma produção que deve mais ao desprendimento dos participantes que se dispõem sem cachê e dos organizadores que tentam, como se diz cotidianamente “fazer milagres” com os limites do problemático orçamento público ou angariado em sistemas de cooperativa e/ou de filantropia.

Em função das peculiaridades midiático-mercantis, outra marca característica das *Lives* de entretenimento é servir de mote para tabloides, uma vez que, para ficar apenas no meio digital, muitos *sites* produzem suas matérias em função dessas apresentações²⁶. Tal característica serve ainda para dar “sobrevida” à própria apresentação-mote dessas notícias e, ao mesmo tempo, para preservar o mercado da cultura de massa (vultosos cachês/patrocínios “recebidos” para os apresentadores; ciclo de contratações de técnicos e material de *show* e de gravação; além de acordos de divulgação de marcas, “personalidades públicas”, *lobbies* etc.).

As *Lives* de interesse público, por sua vez, embora não apresentem (deliberadamente, para o bem ou para o mal?) estas vicissitudes da cultura do espetáculo (DEBORD, 1997), também fomentam diversas respostas, especialmente, do meio acadêmico (como com este artigo), do civil organizado, do político (como vimos nas respostas percebidas na *Live* estudada), que refratam os modos de dizer e os efeitos de sentido relacionados à discussão e realização de propostas de ações para superação de problemas sociais, “disparados” por estas *Lives*. Diversas instituições respondem a elas, inclusive, quando já revisam suas condutas em função das especificidades da comunicação via redes sociais que ganham novos acentos, após as possibilidades de uso em função das demandas públicas que estas *Lives* destacaram.

Certamente, a especificidade de responder a uma necessidade de caráter social caracteriza um gênero discursivo. O mesmo ocorre com o fato de que ações de diversas esferas de produção discursiva, para manterem sua atividade diante de diversas demandas sociais - seja em função da lógica de mercado, seja em função de um projeto institucional que protagoniza decisões de ordem política - deflagraram enunciados específicos. Como discutimos, a *Live* responde pelas demandas que as práticas decorrentes do isolamento perpetraram e se

²⁵ Como já tivemos ocasião de notar, reiteramos aqui: superar as barreiras da comunicação entre pares numa mesma esfera discursiva é um dos grandes desafios das instituições organizadoras de *Lives* de interesse público, o que já era seu propósito antes da pandemia e pelo que no contexto atual se está vislumbrando a possibilidade de se fazer chegarem as discussões dessas esferas nas práticas cotidianas.

²⁶ Para constatação *in loco*, ver, por exemplo, <<https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/gusttavo-lima-bate-recorde-com-Live-de-5-horas-e-milhoes-de-views>>; <<https://revista.cifras.com.br/noticia/gusttavo-lima-Live-buteco-em-casa-2-assistir>>; <<https://caras.uol.com.br/musica/gusttavo-lima-agradece-sucesso-da-Live-buteco-em-casa-e-revela-proxima-data-minha-motivacao.phtml>>. Acessos: 10 set. 2020.

distinguem de outras postagens de vídeos em redes sociais como as de tutoriais, *clipes*, documentários, as quais são ocasionadas mais pelo interesse pessoal que de instituições/sujeitos comprometidos com empreendimentos que determinam a vida social em geral.

Também elas se distinguem em duração dos demais tipos de postagens nas redes sociais: com exceção de postagens de filmes e afins ou aulas magnas, palestras - comumente gravadas informalmente - que algum usuário disponibiliza integralmente em seu canal, os vídeos, mesmo quando não são gravações próprias, são recortes que não ultrapassam em média 20 min., estando mesmo a extensão geral dos *posts* limitando-se a minutos. Já as *Lives* levam em média de uma a duas horas²⁷. Esta peculiaridade, estritamente para as *Lives* de interesse público, configura um problema para o “sucesso” de seu ato, posto que os usuários das redes sociais estão, acostumados/ “viciados” a vídeos curtos²⁸, fora quando querem “maratonar” em séries ou assistir a um filme, por exemplo.

Assim, dialogando com os interesses de instituições que reagem ao contexto pandêmico para preservarem suas atividades, artistas, acadêmicos, personalidades públicas são agenciados/convocados/convidados para apresentarem seus trabalhos, *shows*, palestras, exposições, além de profissionais de diversas áreas, patrocinadores, investidores, produtores etc. e o público consumidor em geral e especializado.

No caso da *Live* “Estratégias de proteção e monitoramento fora do ambiente físico escolar”, estão representados a Promotoria do Ministério Público e a Polícia Civil do Paraná (PCPR), que são as instituições que mobilizam toda uma rede de ações de enfrentamento da violência infantojuvenil. Ellen Victor, chefe do Núcleo de Proteção à Criança e ao Adolescente Vítimas de Crimes da Polícia Civil do Paraná, que introduz em nome do evento “Semana PCPR de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infantojuvenil²⁹” Tarcila Santos Teixeira, promotora de justiça, que faz uma exposição para alertar os perigos sob que crianças e adolescentes estão.

A fala de Tarcila orienta-se para a sociedade civil, para instituições da gestão pública e especialmente para professores e gestores e agentes oficiais (outros agentes inscritos com este

²⁷ Há casos de *Lives* de entretenimento com duração de 10 horas.

²⁸ Daí que esta questão reclama que se dê mais atenção ao grande problema da indispensável familiarização entre instituições e vida cotidiana, problema que há muito é atacado por instituições tais como Academia, Ministério Público, partidos, sindicatos etc., buscando responder a como sair das bolhas com um material que nem aborda os mesmos assuntos *pops*, nem tem o mesmo estilo da cultura de massa, incluído aí a brevidade.

²⁹ Cf. <<https://www.policiacivil.pr.gov.br/Agencia-de-Noticias/Noticia/PCPR-fara-semana-de-Live-s-contra-o-abuso-sexual-infantojuvenil>>. Acesso: 10 set 2020.

ato), que normatizam o currículo escolar formal (destacando que é preciso incluir o tema no cotidiano da escola e que os professores devem ficar atentos a esta outra faceta cruel da pandemia - o aumento de crimes sexuais contra crianças e adolescentes).

Por sua vez, os usuários do *Instagram* especialmente³⁰ podem interagir via comentários com o que foi discutido na *Live* e se discutiu “ao vivo” ou após ficar disponível ou ainda o que se discute quando o usuário está acessando³¹. Aqui, se estabiliza uma particularidade das *Lives* que é poder ter um retorno imediato das expectativas e respostas dos interlocutores via comentários. Isto tanto pode servir para que os organizadores de *Lives* avaliem sua atuação, quanto, especialmente, para as de interesse público, pode servir como uma forma de estreitar os laços entre comunidade e instituições públicas.

É preciso considerar que uma prática corrente nas redes sociais é “ver” os comentários, a qual dispensa mesmo a própria audiência do *post* (é comum os usuários buscarem primeiro o que se comenta para depois acessar o conteúdo que motiva os comentários, seja com interesses de perceber o tema principal e as avaliações do conteúdo ou mesmo o tom “jocosos/polêmico” dos comentários). Tal prática indicia uma tendência que, cada vez mais, se efetiva dominante nas relações de entretenimento, a do sensacionalismo. Por conseguinte, as *Lives* de interesse público têm este desafio de superar as expectativas e as posturas decorrentes dessa tendência e conformar atos críticos via comentários, por exemplo, os atos que podemos constatar, na *Live* de Tarcila Teixeira, como o relato (terapêutico) pessoal de uma situação de violência vivenciada (vide imagem 5) ou o pedido de acesso à carta de recomendação referida na exposição para ser levada a uma secretaria de educação.

Tais atos oportunizam importantes contribuições sociais: denúncias, pedidos de ajuda, orientações, enfim, a criação de uma rede de proteção. Nesse sentido, novas sociabilidades podem ser estabilizadas para além das egoístas interações abusivas das práticas patriarcais e colonizadoras em que estamos imersos, uma vez que as tendências indicadas nos comportamentos dos usuários - que sites clicam, que compras fazem, que filmes assistem, o que compartilham etc. - servem mais à “macrológica” da *Internet* enquanto controle de condutas e ampliação do mercado consumidor.

³⁰ Embora apenas nesta plataforma os usuários poderão interagir plenamente com a ferramenta comentários, com o link da *Live* é possível acessá-la via algum navegador, o que amplia seu alcance, e pode ser explorado caso se queira “investir” na sua disseminação.

³¹ Cf. na *Live* em estudo, as participações na barra de comentários. Não apontamos especificamente para não fazermos exposições indevidas.

Por fim, destacamos que as *Lives* arquitetam-se entrecruzando temas, estilos e composições de meios distintos. Um *show* em um palco num estádio, numa praça, num clube é diferente num palco, num *buffet* ou num estúdio; uma palestra, realizada num auditório, é distinta de uma palestra feita em frente ao celular ou computador, uma reunião também não é a mesma numa sala de um departamento ou auditório de uma assembleia legislativa e numa sala virtual como *Google Meet*®. Dessa forma, nas *Lives*, diversas referências sobre as dificuldades da migração de meios, além das dificuldades de “apropriação” das tecnologias próprias das redes sociais e ferramentas e habilidades: *tablets*, computadores, *webcam*, compartilhamento de tela, documentos, domínios da “linguagem” e expertises (indicação de como lidar com o *QR code*, estratégicos desligamentos de câmera, quando há muitas pessoas na sala virtual, o que pode travar a transmissão, por exemplo) são relatadas. Tais particularidades são decorrentes da intercalação de distintos gêneros que caracteriza, por sua vez, a emergência de outros gêneros do discurso.

Em relação a esta hibridização de discursos, meios e tecnologias, uma “vantagem” da *Live* é a quantidade de pessoas que o gênero discursivo pode atingir. Se o perfil for aberto, qualquer usuário da rede social pode participar. Isso seria diferente em um local como um auditório, por exemplo, que comporta determinado número de pessoas. Em tese, os auditórios de universidades ou de assembleias legislativas³², por exemplo, estão abertos a quem deseje participar da discussão ali em exposição, no entanto, historicamente, as pessoas, em geral, estão pouco “dispostas” / “disponíveis”, ou por estarem em horário de trabalho ou por morarem longe ou por sequer ficarem sabendo dessas discussões e mesmo que existem estes espaços. Com as

³² Nesse ponto, podemos questionar, como forma de indicação de pontos de devem ser considerados para “refinar” cada vez mais a discussão sobre a emergência de novos gêneros, o fato de as *Lives* não serem apenas um suporte dos gêneros palestra ou audiência pública, por exemplo. No entanto, percebemos que as *Lives* com características como as que destacamos com propósitos comunicativos originários de esferas oficiais se organizam a fim de estabilizar um espaço permanente nas redes e como tal explorar novas forma de atuação na vida pública, através das potencialidades que somente as redes sociais podem oferecer, tais como flexibilidade de recepção, diversidade de participação *on-line*, ampla acessibilidade etc., para além das particularidades dos discursos mais comuns nas redes sociais, tais como memes, tutoriais, propagandas, vídeos de autoajuda, dentre outros. Decerto, como percebemos, cria-se uma prática discursiva que não é aquela que ocorreria estritamente num auditório de universidade ou de uma assembleia, nem uma postagem comum, como tutoriais ou exposição de momentos da vida pessoal ou profissional em um canal de *Youtube* ou em um perfil de *Instagram*. As *Lives* a partir das possibilidades de ambas as práticas e esferas, os oficiais e as das redes sociais, criam um específico modo de agir discursivamente. Destacamos ainda que a relação entre práticas de esferas distintas já promoveu a emergência de gêneros bastante populares ou com grande visibilidade social, é o caso de, por exemplo, a novela (inter-relação entre TV, Rádio, Teatro, Romance, Folhetim e Mercado de Massa) ou telejornal (inter-relação entre Rádio, Jornal Impresso e TV).

Lives, o movimento autor-leitor se inverte: agora são os promotores do debate que se “inscrevem” nas redes onde o público-alvo já transita³³.

Além disso, as *Lives* podem ser salvas para serem vistas posteriormente com a possibilidade de haver a interação com os interlocutores e com as interlocutoras por meio de comentários e de mensagens privadas, muito após a publicação do vídeo, uma novidade composicional que as redes sociais oferecem.

Enfim, como vimos discutindo ao longo deste artigo, pretendemos tematizar as especificidades dos enunciados com as quais as *Lives* se estabilizam, a fim de evidenciarmos questões básicas que não podem ser desconsideradas para a definição do estatuto discursivo-dialógico da *Live*.

5 Considerações finais

Finalizamos nossas problematizações destacando que as *Lives* podem ter basicamente seu estatuto discursivo-dialógico identificado a se considerar as seguintes peculiaridades discursivas decorrentes de singulares relações entre os enunciados e a vida concreta, quais sejam: a *Live* cria uma prática discursiva que responde às demandas sociais históricas; ela transforma seus modos específicos de dizer em função dessa resposta; e se constitui de uma prática que, por sua vez, se constrói, dialógica e heterodiscursivamente, por outras práticas sociais singulares.

No caso da *Live* analisada, vimos que importantes instituições sociais, como escolas, promotorias, polícias, foram requeridas a dar respostas aos desafios que o contexto de isolamento trouxe, transformando para tanto suas interações discursivas, ressignificando o uso comum do *Instagram* para um uso comprometido com debates públicos.

Como todo gênero, as *Lives* originam-se de um contexto histórico específico, a partir do qual elas vão desenvolver-se e estabelecer em cadeia diversos elos com outras práticas discursivas. No caso, respostas às novas demandas que surgiram no contexto pandêmico, como vimos com a *Live* estudada, as sobre o aumento de casos de violências sexuais infantojuvenis. Estas respostas devem estar conformadas em enunciados que se delineiam estilística e composicionalmente entrecruzando típicas práticas de esferas discursivas *on-line* e *offline*, recriando seus modos de dizer, de maneira que tanto dialoguem com as expectativas sociais que surgem a partir do contexto da pandemia de covid-19 e com as que historicamente são

³³ Este é outro ponto que deve ser desenvolvido oportunamente.

desenvolvidas nas esferas discursivas que assumiram o protagonismo da *Live*, por exemplo, o estreitamento de laços entre instituições de segurança pública e vítimas de violências.

Como vimos, elas “refundam” - com criativas transformações das suas práticas discursivas - as formas de fazer e experimentar; por um lado, shows, palestras e afins e, por outro, as formas de fazer e experimentar as plataformas digitais como *Youtube* e *Instagram*, que podem assumir importante função de espaço de denúncia, orientação e assistência quanto a violências sociais para além do de *merchandising* e propagação de discursos de ódio.

Em sendo ainda todo gênero do discurso “gatilho” de condutas sociais, as *Lives* especificam-se por uma vontade de disseminação das condutas disparadas em suas apresentações, afinal, como vimos com a de Tarcila, uma *Live* em comunhão com ações éticas dos diversos sujeitos e instituições sociais pode salvar vidas.

Como corolário destas duas últimas características, as *Lives* podem se distinguir entre aquelas que mobilizam sujeitos do “mundo dos negócios”; e as do “mundo dos grandes debates públicos”, entre as que pretendem a reprodução de tendências de consumo; e as que pretendem a transformação social, pelo que as consideramos, respectivamente, *Lives* de entretenimento e de interesse público.

Portanto, no entrecruzamento dessas características, que indiciam uma maneira singular de orquestrar contexto histórico (a *Live* avaliada responde ao contexto da pandemia, ao das lutas sociais contra violências estruturais, ao da necessidade de preservar, muitas vezes, tristes memórias - o caso Araceli), esferas discursivas, instituições e sujeitos sociais (Ministério Público, escolas, usuários de redes sociais), práticas oficiais e cotidianas (palestras, post, compartilhamento de mensagens/vídeos) tecnologias e meios de comunicação (plataformas digitais, apresentação de relatórios, orientação de condutas responsáveis), renovações sociais (que negativizam desserviços históricos baseados em lógicas reacionárias e positivam lógicas de desconcentração do poder sobre a vida - e a morte - das pessoas), são estabilizados singularmente enunciados típicos que “sentem” e respondem criativamente às “novidades” das transformações de base das relações sociais. Logo, acreditamos que estas peculiaridades podem nortear discussões a respeito da compreensão das especificidades da *Live*, enquanto enunciados que estão se arquitetando como novas formas de experimentar a vida social.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro & João, 2010.
- CAIAFFO, S. *et al.* Da multidão-massa à multidão-potência: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social. *Arq. bras. psicol.* v.59 n.1 Rio de Janeiro. p.27-37. jun. 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/184774/000718559.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 mai. 2021.
- CHOVANEC, J. **The discourse of online sportscasting**: Constructing meaning and interaction in Live text commentary. Amsterdam: John Benjamins, 2018.
- CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. Cambridge University Press, 2007.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GRILLO, S. V. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014, p. 133-160.
- KOMESU, F. e TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “Internetês” nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/10.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2021.
- MOITA LOPES, L. P. da. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 49, n. 2, p. 393-417, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-18132010000200006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 19 mai. 2021.
- VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Artigo recebido em: 22.01.2021 Artigo aprovado em: 14.04.2021 Artigo publicado em: 30.06.2021